

## **Vou comprar dúvidas no mercado público (ou As cidades visíveis e invisíveis)**

Fabício Carpinejar  
(*VOX XXI*, ano 2, n. 17, abril de 2002)

Há um pudor dos poetas gaúchos contemporâneos de descrever Porto Alegre, de situá-la como atmosfera e casa, de dissolver suas sombras e de questioná-las febrilmente. E não estou me referindo a poemas para comerciais de tevê, a odes e cantorias para jingles políticos, feitos aos montes e no calor da hora. Falo de poesia séria, capaz de comover e de perecer de corpo inteiro em uma geografia. Penso como contrapartida no maranhense José Chagas que conseguiu imobilizar São Luís na vista aérea e inusitada de *Os telhados*. Penso em Juiz de Fora destacada por Murilo Mendes. Penso em Recife lida e relida pela voz de João Cabral e Joaquim Cardozo. Penso na mineira Itabira, que virou um retrato na parede pelo martelo de Carlos Drummond de Andrade.

Trata-se de um complexo que vai além da questão de derrubar ou não o Muro da Mauá para assistir melhor ao Guaíba. Se a capital gaúcha é sede de fóruns sociais e de educação, conta com um mercado editorial autônomo, um prêmio de expressão como o Açorianos e uma Feira do Livro de porte e cada vez mais internacional, não se entende por que os poetas locais permanecem trancados no deslugar. O voluntário alheamento acaba sendo uma escolha pela extinção da riqueza vocabular e de imagens. Quando Porto Alegre é citada (não cantada ou contada), ocorre de uma forma genérica e sem elementos suficientemente concretos para diferencia-la de outros cenários. O pôr-do-sol não diz nada mais do que um pôr-do-sol. Tanto faz que seja aqui ou acolá. Por que não se procura discutir a fundo o espaço que cada um ocupa junto aos

seus pares? A cidade é também linguagem e, quando não exercitada, a sina é que se torne irreconhecível. Quantos poemas épicos foram feitos no Rio Grande do Sul, apesar de toda uma história carregada de sangrentos combates, vacilações, mentiras e impurezas? Nem o passado nem o presente são reconstituídos. É como se os autores tivessem um medo de denunciarem-se pelo sotaque.

Luís Augusto Fisher, autor do *Dicionário de porto-alegrês*, sintetizou essa lacuna lírica com uma metáfora: “vivemos como se Porto Alegre fosse um imenso domingo, a sensação é que tudo está acontecendo mas não estamos participando”. Se a poesia caminha sem olhar onde pisa, o cinema gaúcho faz uma varredura no meio-fio da paisagem. Um exemplo é o filme *Tolerância*, de Carlos Gerbase, que discute um casamento e suas traições em plena Porto Alegre. Ali emergem localidades que a maioria frequenta, a luz e o som de algo povoado, presente e perto. Algo de apontar com os dedos. Ali há o enraizamento de um olhar, uma leitura crítica.

### **Flutuante**

O poeta e artista plástico Renato Rezende, 37, fez com o Rio de Janeiro aquilo que é esquecido no sul: falar de si pela cidade. Deixar a cidade falar em nome do que se é e do que se deixou de ser. No quarto livro do autor, *Passeio*, encontra-se uma meditação sóbria pela memória flutuante da capital carioca. “Rio de Janeiro/ minha cidade de agora.// Me preencho/ com teu peso.” As palavras vão criando a realidade e não apenas designando o existente.

Apesar de uma poética do eu (o próprio nome Renato aparece com frequência), percebe-se uma inocente descrição, às vezes fatalista, contrária ao exibicionismo. O contexto biográfico consiste num impulso, o ponto de

partida para a despersonalização. Renato quer apagar sua individualidade na multidão. Mistura-se, portanto, ao coletivo para ser ninguém. Amarga o anonimato tentando deduzir o que os outros pensam dele. Pouco a pouco, assume o papel de coadjuvante, reservando a condição de protagonista ao Rio de Janeiro. “É tarde/ em Copacabana/ e na minha vida./ Pessoas de idade/ caminham de mãos dadas./ Jovens quase pelados/ patinam em velocidade/ ou jogam vôlei./ Crianças gritam/ atrás de bolas e cachorros./ A luz excessiva/ me fera a vista./ A vida excessiva/ me fere a vida.”

### **Escolhas**

O título revela muito: longe de ser uma viagem ou um deslocamento para fora de fronteiras, é uma travessia interna, pessoal e intransferível de um homem de 33 anos, a idade de Cristo, pelo espaço de suas vivências. O Aterro do Flamengo, Largo do Machado, o Corcovado, a Urca e o Pão de Açúcar significam a projeção física de uma estrutura emocional. Ao invés de exclamativos cartões-postais, são cenários interrogativos e inconclusos. Reproduzem o continente no qual a voz se perde e se encontra, desiste do caminho e insiste em continuar, lugares em que diariamente o autor pesa suas escolhas familiares e profissionais. “O segredo deste esconder-se/ é que quanto mais desisto/ mais me encontro”. A reflexão continuada, representada pelos poemas mais longos, dá a idéia de fluxo da consciência. A insana travessia, à semelhança de *Os devaneios de um caminhante solitário*, de Rousseau, é cumprida a pé, recusando a velocidade do carro e a observação turística. Em espécie de calvário, tomada de abnegação e sacrifício, predomina a preocupação em perturbar a ordem, desafiar estranhos e transeuntes envoltos na pressa, que não estão atentos como ele, e sim distraído com seus afazeres.

“Todos passam, mas não notam/ o esplendor da natureza./ Todos passam, e pensam,/ e são seus pensamentos que limitam o mar.”

Existe uma necessidade atávica de sair de si mesmo, seja na descrição de um mendigo, seja no congelamento do tempo. É o elogio à lentidão, à observação demorada e às horas rigorosas, contra o consenso e mecanicidade dos costumes. Um rebelar-se subterrâneo, distanciado da algazarra e do estardalhaço. A contemplação funciona como uma hemorragia interna. Ninguém vê o momento do estouro da veia. Um local se distrai com outro, justifica e complementa recordações longínquas. E o escritor teme perder justamente as lembranças mais banais e fúteis, não as originais e determinantes. Seu inimigo é o esquecimento, que chega para apagar os sonhos com o fim da juventude.

Além de questionar seu papel no mundo, o poeta questiona sua linguagem. Seu tempo não permite recuos, somente avanços. “Sei apenas/ que não ressuscito, e já é tarde/ para morrer jovem e bonito”, afirma um dos versos, como que evocando Ana Cristina César e Torquato Neto, duas expressões da literatura carioca que morreram jovens e bonitos.

### **Nanquim**

Rezende realiza uma poesia natural, despreziosa e espontânea, como pequenos retratos marcados pela simplicidade e economia de um nanquim. É preciso ler mais de uma vez para encontrar seu timbre, desconfiar de sua aparente simplicidade que traz, na verdade, a complexidade do impasse entre as promessas da juventude e as dívidas da maturidade. “É a vida que passa, e cada um de nós, passando/ empurra mais para longe, mais para o escuro/ os

seus antepassados. Talvez tendo filhos nós os ajudemos de alguma forma./ Talvez assim paguemos nossas dívidas de carne.”

Neste sentido, *Passeio* utiliza da mesma pegada nostálgica de *Muitas vozes*, o mais recente livro de Gullar. O paralelo ganha espessura diante de poemas como *Morrer no Rio de Janeiro*, de Ferreira Gullar (“teu coração estará funcionando normalmente/ entre tantas outras coisas que pulsam na manhã/ ainda que possam de repente enguiçar”), e *O Alto*, de Rezende (“Apesar da claridade/ visto de cima/ tudo/ é tranqüila fatalidade. / A cidade é frágil./ A cidade é um brinco./ Fácil, o mar se une ao lago./ Vamos todos morrer afogados./ Finjo/ que não sei de nada/ e não reajo”). Em ambos os casos, verifica-se o embate entre a consciência que sabe do fim e a sensibilidade que finge não conhecê-lo e preserva a normalidade dos dias.

Leve como crônicas, mas com o acento grave de um testemunho, a poesia de Renato Rezende define a cidade com a cartografia de sua respiração.